

A HAGIOGRAFIA ENQUANTO UMA PROBLEMÁTICA BIOGRÁFICA: O CASO DO MONGE PERFECTUS

HAGIOGRAPHY AS A BIOGRAPHICAL PROBLEMATIC: THE CASE OF THE PERFECTUS MONK

Augusto Machado ROCHA*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o texto hagiográfico enquanto elemento biográfico onde, para além do personagem em si, o grande foco e importância da narrativa está vinculado à construção de uma representação. O uso da figura de Perfectus dar-se-á em razão de ter sido destacado como o primeiro de uma série de mártires que permearam a Córdoba do século IX. Ao analisarmos a hagiografia de Perfectus sob a ótica do mito político, compreenderemos seu afastamento do caráter biográfico e, portanto, a problemática de uma narrativa focada no enaltecimento das figuras individuais.

Palavras-chave: Hagiografias e Biografias; A vida de Perfectus por Eulógio de Córdoba; O mito biográfico e político do monge Perfectus.

Abstract: The aim of this article is to analyze the hagiographic text as a biographical element where, beyond the character itself, the great focus and importance of the narrative is linked to the construction of a representation. The use of the figure of Perfectus will be due to the fact that he was highlighted as the first of a series of martyrs that permeated Cordoba of the 9th century. By analyzing Perfectus' hagiography from the point of view of political myth, we will understand his departure from the biographical character and, therefore, the problematic of a narrative focused on the praise of individual figures.

Keywords: Hagiographies and Biographies; The life of Perfectus by Eulogius of Cordova; The biographical and political myth of the monk Perfectus.

Introdução

Levando em conta o texto de Philippe Levillain (2003, p. 141) definimos que, principalmente no horizonte francês, a biografia foi uma forma de escrita da história retomada a partir dos anos 1960, sendo difundida ao longo da década seguinte. Levillain apontaria ainda que a separação da biografia e da história remontavam ao período da Grécia antiga. O autor indicaria que “curtas notícias biográficas podiam entrar na História. Mas a História não podia caber inteira numa biografia”, com isso indicando que o caráter descritivo, destinado “a celebrar ou a estudar a natureza do homem”, divergia da natureza histórica “destinada a mostrar a mudança” (2003, p. 145).

* Professor do Curso de História da UniRitter, Porto Alegre, RS - Brasil. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS – Brasil. Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR – Brasil. E-mail: amrocha721@gmail.com

Sob tal aspecto percebemos que em seus primórdios antes de uma análise histórica do contexto e da relação de uma individualidade com o mundo que a cercavam a biografia era compreendida enquanto elemento descritivo, para elevação ou diminuição de determinados personagens e os interesses por trás da escrita. O período medieval, muito em razão de que o poder da palavra escrita era detido, majoritariamente, pela Igreja utilizou de uma estrutura “similar” a biografia para construir seu imaginário dicotômico, dividido entre “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. A hagiografia, cujo conceito será melhor trabalhado adiante, surgiu para trazer e difundir exemplos de posturas corretas e louváveis, visando difundir os valores cristãos. Como definiu Levillain “assim surgiu a hagiografia que não é simplesmente a versão cristã do panegírico, mas antes uma separação radical entre história profana e história sagrada” (2003, p. 148), ou seja, a hagiografia incutiu uma perspectiva da correta e virtuosa postura rumo a santidade.

Um segundo elemento que compunha essa forma textual era a fazer um ataque, uma crítica ao Outro que avançava, agredia e distorcia os valores do que era defendido enquanto uma fé correta, verdade. É nesse contexto que Eulógio de Córdoba construiu a hagiografia do monge Perfectus, em um contexto em que a cidade de Córdoba estava sob o domínio do Islã, nas terras de Al-Andalus.

Assim, para compreendermos os mitos que compõem a hagiografia de Perfectus iremos dividir nosso texto em três momentos. Inicialmente fazendo uma reflexão conceitual relativa a conexão entre o texto hagiográfico e a biografia, para na sequência nos debruçarmos sobre a apresentação da vida, morte e contexto do monge Perfectus. Por fim, apontaremos para as intenções e percepções relativas ao autor deste texto hagiográfico, Eulógio de Córdoba, apontando o porquê de ser viável considerar essa narrativa enquanto um mito político.

A Hagiografia e a Biografia

Como procurou apontar o historiador Benito Schmidt (2003, p. 58), a hagiografia possui como elemento a ideia do fazer da história de uma vida passada, um exemplo para o futuro, ou seja, construindo uma ponte entre o que foi feito e sua forma, com a perspectiva de dar continuidade a uma lógica. Ao mesmo tempo, somos levados a compreensão de que uma biografia, em seu caráter antigo, teria como principal cunho o suporte ao valor de uma representação que permitisse a compressão de quem foram os

grandes nomes, suas principais conquistas e seus erros, de maneira que o valor positivo fosse mantido, mas que o negativo fosse superado.

Esse valor de compreender e exaltar as virtudes, inserido no contexto biográfico, foi recuperado e incentivado pelo Cristianismo, tornando-se a ferramenta base para o texto hagiográfico. Corroborando com tal perspectiva temos em Schmidt uma percepção de qual seria a intenção dessas hagiografias, essas “vidas de santos, cujo objetivo era, sobretudo, pedagógico: mais do que apresentar a vida de um homem, essas narrativas edificantes ofereciam modelos de conduta, de virtude, de caridade, de castidade e de fé” (2003, p. 59). Ou seja, mais do que o personagem em si, o que estaria no interesse do hagiógrafo seria o modelo próximo a santidade, uma forma de aproximar do povo uma perspectiva quanto ao correto jeito de ser e agir. Ainda, sobre esta tipologia textual, é fundamental compreender que

a hagiografia cristã (a única aqui evocada) não está limitada a Antiguidade ou a Idade Média, mesmo que, desde o século XVII, tenha sido muito estudada sob o ângulo da crítica histórica e de um retorno às fontes e, desta maneira, alinhada com a lenda nos tempos de uma pré-historiografia antiga que reservava ao período moderno o privilégio das biografias científicas. É impossível, também, não considerá-la senão em função da “autenticidade” ou do “valor histórico”: isto seria submeter um gênero literário a lei de um outro - a historiografia - e dismantellar um tipo próprio de discurso para não reter dele senão aquilo que ele não é. (DE CERTEAU, 1982, p. 241).

Logo, o que se percebe pelo caráter proposto na escrita hagiográfica é a elevação ao modo de ser e agir de figuras únicas, muitas vezes envolvidas por aspectos de uma noção de sagrado que devem ser o modelo para o restante da população. Enquanto a biografia antiga, em muitos momentos, buscava apresentar um modelo e perspectiva das grandes figuras e suas ações – incentivando a continuidade de um ciclo ou a ruptura com um modelo passado – a hagiografia tinha como valor a expansão, consolidação e defesa de um modelo do “bom cristão”.

A hagiografia que estará em foco aqui, escrita por Eulógio de Córdoba¹, relativa ao monge Perfectus, ainda que seguindo esse norteador geral possui um elemento a mais: o ataque ao inimigo, ao infiel, ao perigo para com o Cristianismo. Sob tal percepção os textos de Eulógio procuraram elevar a figura dos mártires de Córdoba² a um caráter de santidade, buscando exaltar aqueles homens e mulheres que – sob sua perspectiva – desempenharam um papel único na defesa da fé cristã, frente ao Islã – na Córdoba do século IX.

Têm-se a compreensão de que os textos hagiográficos de Eulógio de Córdoba estariam insuflados pela luta de seu contexto, corroborando com a sua ótica da situação

e sendo moldados de acordo com seus interesses – algo que perceberemos ao analisar o texto sobre Perfectus. Ou seja, para além de um texto santo, devemos compreender o caráter político que está ligada a escrita hagiográfica, pois como aponta o historiador Igor Salomão Teixeira (2015, p. 61)

ao entendermos a hagiografia também como um texto dentro da norma e do dogma e que, ao ser inserida no calendário litúrgico, a vida do santo é um texto que narra tanto sobre o tempo que conta como sobre o tempo em que se conta. [...] Sendo assim, o que podemos chamar de ‘perspectiva hagiográfica’ é a inserção no tempo dos homens de um conjunto de vidas de santos com o objetivo de passar uma mensagem.

E é sob essa perspectiva que entendemos que há uma mensagem política intrínseca ao estudo hagiográfico, uma vez que não se pode dissociar a intenção do autor, de sua proposta de escrita e ponto de vista. A hagiografia é um texto sagrado, dentro da perspectiva cristã, porém mais do que isso é uma narrativa que procura incutir uma noção do que e do como fazer valer a lógica e valores dessa fé. Ou seja, a construção de uma “vida dos santos” procura por realizar a exaltação de personagens, de acordo com interesses macros – no caso de Eulógio, incentivando e convidando para um confronto contra o Islã.

É justamente em razão desses interesses, usos e desusos que os textos hagiográficos “não podem ser consideradas apenas como textos festivos. Elas estão a serviço da consolidação do que poderíamos chamar de um perfil para o santo e, principalmente, podem servir como elemento de consolidação de políticas pontifícias e de afirmação do poder” (TEIXEIRA, 2015, p. 145). Se a biografia moderna traz a narrativa sobre a vida, o exemplo, os acontecimentos vinculados a uma pessoa conectada ao seu mundo, percebemos na hagiografia uma tentativa de aproximar o mundo pretendido (no caso, sob a ótica cristão) com o modelo a ser seguido, visando sua difusão, através da via oral, de maneira a influenciar que um maior de pessoas siga o modelo veiculado pelos autores de tais textos.

Sob tal aspecto devemos ter a percepção de que a moderna “biografia foi um elemento importante na difusão da mística do individualismo burguês, orientando-se para a descrição não apenas de vidas, mas de sociedades que se curvavam frente à onipotência de indivíduos geniais” (BENITTO, 2003, apud RODRIGUES, 1978, p. 203). Ou seja, em um mundo que primava pelo modelo, por uma perspectiva de forte individualismo, a biografia tinha o papel de estimular tal exemplo e forma de ser e agir, por parte da população como um todo – esse é um ponto de grande diferença entre a atualidade deste modelo textual e sua contraparte medieval: a hagiografia.

Como temos apresentado esse modelo textual tinha como objetivo a construção de um modelo para a santidade ou de um convite para a ação contra os infiéis, um grupo muito vasto, mas que pode ser destacado como aqueles que se opunham a fé cristã romana. Sob esse aspecto combativo que o texto hagiográfico oferece temos em mente que há proposição de um modelo do que seria bom e aceito, bem como do que é ruim e deve ser combatido. Foi essa a lógica que orientou a escrita de Eulógio de Córdoba a narrar uma suposta luta empreendida por 47 homens e mulheres, que se tornaram os mártires de Córdoba ao atacarem e se oporem ao Islã.

Mais do que uma narrativa referente a santidade desses personagens, Eulógio procurou descrever as razões para que houvesse esse combate, usando da oralidade de contestações a presença muçulmana na *Hispania*, realizada por parte das comunidades cristãs, para escrever uma obra que buscava apontar como verdadeiro destino dos Ibéricos a expulsão do Islã. Eulógio procurou realizar um exercício de ataque, porém como Jessica Coope aponta (1995), a própria cristandade Ibérica e cordobesa estava mais aberta a moderação do que o confronto propagado ao longo de seus textos e hagiografias.

Mas o relato e o convite ao combate ao Islã foram feitos, legados e recuperados a partir do século XV e XVI, reforçando a centralidade de uma ideia de expulsão dos muçulmanos, dentro de uma lógica criada quanto uma Reconquista Ibérica³. Sob esse aspecto, iremos nos debruçar na base desses relatos e no personagem que teria dado o primeiro passo, ou sido usado para que assim parecesse, neste confronto perante o Islã, nas terras de Al-Andalus: o monge Perfectus.

A Hagiografia de Perfectus

Em 850, enquanto a Igreja “era açoitada e encaminhada para sua destruição”, nas palavras de Eulógio, surge a figura de Perfectus, jovem nascido em Córdoba, ainda que não se saiba ao certo em que ano. Esse monge foi criado e educado na Igreja de San Acisclo, onde ele teria sido “instruído da forma mais completa nas disciplinas eclesiásticas, sendo imbuído de uma viva formação nas letras⁴ e, ainda, versado na língua árabe” (EULÓGIO, *Memoriale Sanctorum* II: II.I. *Corpus Scriptorum Muzarabicun*. p. 398. Tradução nossa)⁵. Assim, Eulógio introduz aquele que ao ser enganado pelos muçulmanos teria atacado tal fé, tornando-se o primeiro dos mártires e aquele que daria o exemplo a muitos.

A pessoa de Perfectus é apresentada como a de um cidadão devotado a sua família, tendo em vista que ao realizar afazeres privados pelas ruas de Córdoba foi abordado por um grupo de muçulmanos que teriam pedido para que o monge responder algumas perguntas sobre a fé católica, manifestando-se sobre Cristo e Mahomat. Nessa conversa, Perfectus teria feito sua confissão de fé, afirmando o poder de Deus e reafirmando o caráter divino de Cristo. É nesse momento que o monge se abstém de mencionar a figura de Mahomat, uma vez temer ofender os muçulmanos.

Ao narrar tal fato, Eulógio de Córdoba, parece indicar que cada ação perpetrada pelos seguidores do Profeta é uma farsa, ao narrar que, em um primeiro momento, os muçulmanos permitiram que Perfectus expusesse sua visão sobre o Profeta, ao que o monge teria começado a expor seu pensamento em árabe. Partindo da suposta promessa de não agressão, através do uso do Evangelho, o monge teria afirmado que Mahomat seria o maior dos falsos profetas, sendo um dos principais servos, no meio dos demônios de Satã. Como foi afirmado:

Dentre eles [os falsos profetas], o maior de todos é este seu profeta invadido pelas mentiras do antigo inimigo, seduzido pelas invenções dos demônios e entregue aos sacrilégios e mal-dizeres, que corromperam com mortal veneno os corações de muitos descrentes e que os entregou aos laços de uma perdição eterna. Assim, faltou sabedoria espiritual, comum a fé daqueles que veneram Satã, com quem o mesmo [Mahomat] sofrerá duros tormentos no inferno e, também, os condenou - seus seguidores - ao fogo eterno do Inferno, onde arderão juntos (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.II. Corp. Scrip. Muzar.* p. 398. Tradução nossa).⁶

Aproveitando-se do momento de liberdade de fala ofertado pelos muçulmanos Perfectus teria realizado um verdadeiro ataque à figura de Mahomat, apresentando-o como um falso Profeta, um seguidor de Satã, um homem que ao viver sob o pecado da luxúria carregaria todos os seus para o inferno. A narrativa do monge era voltada a um ataque direto ao outro, buscando mostrar que o erro do profeta afetaria a todos e dessa forma defendendo que o Cristianismo seria a única religião que poderia salvá-los das agruras do inferno. Há, ainda, um grande ataque a ideia dos “múltiplos casamentos” permitidos sob a lei Islâmica⁷, buscando exemplificar como o Profeta guiar-se-ia pelos prazeres da carne antes do caminho da fé.

Pode-se compreender, da crítica realizada por Perfectus ao Islã que existem quatro enfoques de ataque a essa fé, como pode ser notado ao citarmos a obra de Eulógio:

‘Como ele será considerado entre os profetas, ou por que não será punido com uma maldição do céu por queque, como um bárbaro, tirou de seu servo Zaid sua esposa Zeinab, obcecado como era por sua

beleza e formosura, e como o cavalo e a mula, que não têm inteligência, juntou-se a ela no adultério e declararam tê-lo cometido por ordem de um anjo?’ O Abençoado Perfectus acrescentou muitas outras coisas sobre a sujeira e voluptuosidades que são prescritas na religião maometana e finalmente concluiu com estas palavras: ‘desta forma, o protetor da sujeira e escravo dos prazeres voluptuosos entregou todos vocês às impurezas de uma luxúria perene’ (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.II. Corp. Scrip. Muzar.* p. 398. Tradução nossa)⁸.

Assim, em primeiro lugar notamos que o argumento está centrado na falsidade do Profeta e sua religião (percebida como uma heresia advinda do Cristianismo), como afirmado anteriormente. Em segundo e terceiro lugar, encontramos a afirmação da falsidade do Profeta (colocado sob uma compreensão de divindade, ou se ver afirmado que a crença islâmica enquanto religião Maometana, algo que retiraria a posição do Profeta e o colocaria em espaço similar ao de Cristo), somada ao seu conluio com Satã. Em quarto lugar, há a crítica a luxúria que conduz o raciocínio de Mahomat, ao criticar-se o número de matrimônios permitidos pelo Islã. E é baseado nessas perspectivas que Perfectus encerra sua descrição sobre o Islã e seu Profeta, afirmando ser “dessa maneira, que o protetor da imundice e escravo dos prazeres carnis encaminhou todos seus seguidores as impurezas de uma luxúria eterna” (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.III. Corp. Scrip. Muzar.* p. 399. Tradução nossa)⁹. Eulógio, então, indicou que a ira teria tomado os muçulmanos, mas que esses não o atacaram ali, tendo esperado por um momento mais oportuno para atacá-lo por seu perjúrio.

Após esse encontro, teria Perfectus retornado para sua família pacificamente (há nos escritos de Eulógio certo esforço para destacar o monge como uma pessoa de família)¹⁰. Alguns dias depois, quando tornou a encontrar o mesmo grupo de muçulmanos, percebeu que estavam anunciando a comunidade muçulmana o que Perfectus havia afirmado sobre o Islã, fazendo com que esses o atacassem e o levassem até um juiz. É nesse momento que Eulógio de Córdoba retoma uma narrativa que procura colocar o muçulmano como um indivíduo que responde apenas a ira e, conseqüentemente, a violência: “assim, como abelhas irritadas, todo aquele grupo de perdidos se levantou furiosos contra ele e, após agarrá-lo, a toda velocidade o apresentaram perante o juiz e atestaram seu crime contra o Islã” (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.III. Corp. Scrip. Muzar.* p. 399. Tradução nossa)¹¹. Há uma perspectiva de se construir uma imagem do Outro que gere medo e receio, por isso há uma descrição que apresenta os modos traiçoeiros desse Outro, uma vez que em primeiro lugar os muçulmanos teriam enganado Perfectus e, após seu engodo, o teriam atacado estando possuídos pelo pecado da ira.

Após sua captura, Perfectus teria sido levado frente ao juiz sendo afirmado pelos muçulmanos, de acordo com Eulógio, que “esse a quem arrastamos a teu reverendíssimo tribunal, juiz, é responsável por maldizer nosso profeta e insultar seus¹² fiéis”¹³ (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.III. Corp. Scrip. Muzar.* p. 399. Tradução nossa). Aqui há uma afirmação de que rapidamente o juiz colocou o monge na prisão sem antes fazer qualquer reflexão ou conversa. Porém, a historiografia diverge da afirmação de Eulógio de Córdoba, como aponta Coope (1995, p.18), uma vez que Perfectus, de acordo com os registros do *qadi* apenas teria atacado a figura de Mahomat após sua condenação, que teria sido resultado de uma intransigência de dialogar no tribunal. Mas, na narrativa de Eulógio, Perfectus assumiu com orgulho sua fé e em frente ao juiz atacou o Islã, mais uma vez, sendo conduzido para a prisão enquanto exaltava, orgulhosamente, a figura de Cristo.

Podemos perceber que a escrita desenvolvida por Eulógio de Córdoba é uma análise baseada em uma disputa de representações, baseada na dualidade entre realidade e percepção, onde para nosso autor o que importa é a segunda questão. Nesse quadro, é necessário compreender que as representações e os discursos que as compõem

não são uma expressão imediata, automática, objetiva, do estatuto de um poder ou de outro. Sua eficiência depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de apresentação e de persuasão postos em ação (CHARTIER, 2002, p. 177-8).

Com isso percebemos que a disputa entre a representação histórica do passado difere muito da proposta empregada por Eulógio, antes de narrar o acontecimento sua intenção é determinar o modo como ele ocorreu, de acordo com sua interpretação. Tal construção contribui para a compreensão do Islã como um erro, uma vilania – ainda que sua escrita focasse na figura do Profeta como responsável por tal heresia, sua representação legou a compreensão de que havia um grande mal na comunidade muçulmana, ainda que na prática a historiografia possa ser utilizada para contestar as afirmações de Eulógio e seu legado.

Eulógio afirmou em seu texto que o monge teria passado poucos meses em cárcere, a espera de sua sentença – sendo colocada como data de sua execução o período seguinte ao fim do Ramadã e a Páscoa cristã (tendo sua execução sido marcada como no dia 18 de abril de 857). O autor do *Memoriale* ainda citaria que esse período de espera se deu por respeito “ao solene culto e júbilo” que os muçulmanos teriam em exaltar “a gula e os excessos da carne” (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.IV. Corp. Scrip. Muzar.* p. 400)¹⁴, durante o período do Ramadã – ou seja – enquanto que para o Islã tal período

tem como objetivo a purificação¹⁵ ele é percebido, nesse texto, como um momento para enaltecer os excessos cometidos pelos seguidores de um falso Profeta.

No dia da execução de Perfectus, Eulógio narrou que os muçulmanos estariam em festa com tal acontecimento, em euforia para acompanhar a morte do mártir, nesse sentido há uma tentativa de engrandecer a figura desse monge. Antes de sua execução é dito que Perfectus fez um último ataque à figura de Mahomat, onde afirmou que

amaldiçoei ao vosso Profeta e o amaldiçoo novamente, é um homem possuído pelo demônio, um feiticeiro, um adúltero e um enganador, tal como o declarei, o declaro agora. Denunciou que os sacrilégios dessa seita são invenções do diabo e afirmou que, também, vocês sofrerão com seu próprio líder os tormentos eternos do inferno (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.IV. Corp. Scrip. Muzar.* p. 400. Tradução nossa).¹⁶

Aqui está o que seria a agressão final de Perfectus, um ataque, que antes de dirigir-se ao Islã, estava direcionado a Mahomat. Salienta-se que tal argumentação parte de um momento em que o caráter sagrado de Cristo estava em definição, logo se pode supor que o ataque direcionado ao Profeta seria a forma como os cristãos imaginavam que melhor atingiriam as comunidades muçulmanas, uma vez que ao desconhecerem a fé islâmica, em profundidade, conheciam seu precursor.

Nesse contexto podemos comparar a figura do Profeta com a de Ário e Nestório, líderes de heresias cristãs combatidas ainda no primeiro milênio. Tal ataque a Mahomat condiz então com a perspectiva que permite considerar o Islã uma variante do Cristianismo, ainda que mal interpretada e conduzida, como todas as heresias que desvirtuam a crença oficial. Podemos perceber tal perspectiva de atacar o Profeta era retida em outros textos do período medieval, logo há a percepção de um movimento de ataque à figura de Mahomat – como se torna percebido ao analisarmos sua biografia. Houve um retorno ao uso de tal representação através de autores como Pedro, o Venerável, e Jacopo de Varazze – esses autores seguiram a linha de culparem o erro islâmico, não aos muçulmanos, mas sim ao profeta. Eles buscavam por apontar que o autor da heresia é a pessoa que desvirtuou a fé cristã em nome de seus próprios interesses – apontando que, talvez, ainda houvesse salvação para os muçulmanos se esses se convertessem a fé de Cristo.

Tal compreensão pode ser contrastada com a análise as escrituras muçulmanas, somadas com os dizerem de Jessica Coope (1995) e Karen Armstrong (2002), de que o Islã se compreende enquanto crença final ‘dos filhos de Abraão’. Após analisarmos o como a particularidade dos martírios legou uma série de elementos para o todo da representação do Islã, conduziremos uma reflexão como um dos traços utilizados nessa

retratação da religião islâmica como algo vil está vinculado a essa compreensão de ser uma heresia, oriunda da ‘fé verdadeira’: o Cristianismo.

De acordo com Eulógio, Perfectus teria sido enterrado na Igreja de San Acisclo, sob o cuidado de religiosos católicos e sob a orientação do Bispo Saulo. Ao encaminhar-se para o final de sua narrativa Eulógio procura demonstrar como Deus enalteceu a figura de seu mártir, ao afirmar que foi

dessa forma que Deus buscou glorificar seu soldado, com ambas as graças [a concretização da profecia e a morte dos infiéis], confirmou os votos dos fiéis com o consolo de uma grande esperança e perturbando com grande estupor a religião sacrílega dos ímpios. [...] Assim, o santo encontrou a paz em seu martírio no dia 18 de abril, uma sexta-feira, em 850 (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.V. Corp. Scrip. Muzar.* p. 401. Tradução nossa)¹⁷.

É dessa forma que começa a se construir a perspectiva da importância do martírio na defesa do Cristianismo, tendo Perfectus a função de farol desse movimento, como Eulógio procura apresentar no último trecho em que enfoca na vida desse monge. Ao cabo de sua narrativa, há uma afirmação que indica que as comunidades cristãs desfrutavam de uma tranquilidade em sua religiosidade, em espaços solitários, revoltaram-se frente ao crime cometido contra Perfectus, instigando uma paixão pela ideia da morte em defesa da fé. Há a percepção de que muitos foram os que adotaram e apoiaram essa ação, algo que contrasta com a própria escrita de Eulógio, uma vez que boa parte da comunidade cristã não apoiou tal ação, sendo crítica aos “ditos mártires”.

O que pode ser percebido ao longo dessa narrativa é que Perfectus teria sido o estopim, principalmente ao elencar os pecados contidos no Islã, ou seja, além de ser o precursor dos martírios seria o responsável por tornar público os erros e pecados contidos nas palavras do Profeta. Soma-se a isso a percepção, que parece já ter Eulógio, quanto a não aceitação de suas palavras e ações (aqui pensando no conjunto de mártires) no momento em que ocorrem, nesse sentido compreendemos que seu texto é mais uma ferramenta para futuras gerações de combates do Islã, do que para seus contemporâneos.

Logo é possível construir uma perspectiva de que o discurso construído por Eulógio de Córdoba estava sendo pensado como um legado, antes do que uma ferramenta ou reflexão para seus contemporâneos. Tal percepção fortalece a compreensão de que esse texto é uma ferramenta para a construção e fortalecimento do mito político e histórico, para com o Islã – a partir do uso do elemento hagiográfico.

Nessa narrativa, o papel de Perfectus é o de ser o instigador de um movimento que buscava combater uma islamização da comunidade não só de Córdoba, mas de toda Península. Enquanto o Islã crescia tais escritos embasaram uma bandeira de combate a

esse outro que cercava o Cristianismo, sendo o papel de Eulógio a escrita de uma experiência que estava no espaço oral. Ao pensar no papel implantado em *Perfectus* dentro da narrativa percebemos como seus atos atingiram diferentes segmentos da sociedade cordobesa, buscando apresentar a forma como uma singularidade poderia vir a representar o todo. É em razão de tal percepção que entendemos que a escrita de Eulógio e a hagiografia de *Perfectus* mais do que uma história do indivíduo, possui um caráter político, visando o engajamento popular em um movimento de agressão ao Islã – através do fomento a um mito político e biográfico.

O Mito Político e Biográfico contido na Hagiografia de Perfectus

Ao longo desta análise referente a hagiografia do monge cordobês percebeu-se que mais do que um retrato referente a sua vida ou uma introdução ao seu contexto. Eulógio de Córdoba utilizou-se da vida de *Perfectus* para colocá-lo como paladino inicial de uma conclamada luta contra o Islã, porém tal construção – como a historiografia aponta – é falha, uma vez que o movimento não era amplo ou aceito em sua totalidade pela população cristã das terras de Al-Andalus. De tal forma, essa narrativa desempenhava o papel de dividir a sociedade, de oportunizar uma imagem do que deve ser combatido, mais do que representar uma verdade buscava legar uma ideia do que seria negativo, gerando um mito. E sendo tal seu efeito é importante termos em mente que

O desempenho básico do mito é fornecer nomes. Um mito é sempre “o mito de...”. É apenas dando um nome a uma coisa que ela pode se tornar “compreensível” e, portanto, objeto de uma história. Fornecer nomes não apenas torna as histórias possíveis; nomear o desconhecido já é uma forma de dominar o desconhecido. Denominar uma coisa é a primeira - senão a mais interessante - resposta à pergunta "o que é isso ou aquilo?" Além disso, ao dar um nome ao desconhecido, redes inteiras de outros significados são lembradas¹⁸ (BOTTICI, 2007, p. 116. Tradução nossa).

Ou seja, apontar os personagens e dar base a uma história intencional é o que gera e fortalece um mito. As narrativas que compõem a sua construção buscam por afastar a realidade, vendendo-se o que faz parte de uma representação do problema. É sob tal perspectiva que entendemos que uma hagiografia como a de *Perfectus*, enquanto elemento biográfico de cunho religioso, mais do que narrar uma vida, pretende-se como instrumento de propulsão de uma mitologia. O uso da figura desse monge tinha como intuito dar voz e face a um movimento que, Eulógio, pretendia que abarcasse o todo da

comunidade cristão, porém este não foi o caso – o movimento falhou em seu tempo, porém sua representação e modo de ser foi legado.

A história de Perfectus tinha como objetivo pontuar o modelo de vida cristã que estava sob um suposto ataque na Córdoba do século IX. É sob tal perspectiva que ele é apresentado enquanto um exemplo, uma pessoa muito ligada à sua família e as questões públicas do lar. O Islã, ao longo do texto, aparece como aquele grupo responsável por suas desventuras, pelos engodos que acabam por acabar com a vida de Perfectus.

Eulógio fez de Perfectus o pilar de seu mito que visava definir o Islã como o principal perigo para a cristandade, essa hagiografia inicial teve como papel dissociar o personagem de seu contexto, sua realidade, conectando-o a uma corrente narrativa que visava diminuí-la. É muito em razão de tal construção que se acredita no fato de que uma hagiografia, diferentemente de uma biografia contemporânea deve ser analisada com cuidado – refletindo quanto ao seu contexto, seu autor e buscando a compreensão quanto as intenções por trás do escrito.

Se o valor de uma biografia hoje é percebido pelas conexões promovidas ao longo de uma vida, para além de uma simples narrativa, para uma hagiografia – em seu contexto – será necessário uma atenção ainda maior para com o contexto das vidas descritas nos textos. Para esta tipologia textual do medievo acreditamos que há uma necessidade de retorno a um ponto básico dos estudos biográficos, como aponta o historiador João Bertonha (2000, p. 8) “é básico cruzar os atos do biografado com contextos maiores que ajudem a entendê-los e revesti-los de uma significação maior”. Ou seja, o significado de um texto de caráter biográfico terá tanto valor quanto a compreensão de seu contexto de produção, bem como das relações mantidas por aquela vida que está sendo apresentada.

Em um caso como o de Perfectus é fundamental analisarmos sua realidade e buscarmos por comparativos, tendo em vista que não só não existem textos de sua autoria, como sua vida foi narrada com determinados objetivos – por parte de Eulógio de Córdoba. A mitologia referente aos martírios cordobeses e seu impacto para a sociedade cristã em Al-Andalus tinham como objetivo causarem um furor contra o Islã, porém na prática o que houve foi um movimento restrito a cidade de Córdoba. A história e difusão tanto dos escritos de Eulógio, quanto da vida de Perfectus, foram realizados apenas séculos após o acontecimento – sendo uma narrativa renovada e exposta a partir do século XVI, por Ambrósio de Morales, como aponta a historiadora María José Leonardo (2016, p. 178).

A hagiografia destes mártires, tendo o caso de Perfectus como exemplo, tornam-se um mito biográfico, uma vez que antes de uma vida, eles possuem uma narrativa de cunho e interesse político. É sob tal percepção que reforçamos que o conceito de mito político é um dos melhores aportes que temos para uma ampla compreensão dos interesses por trás das hagiografias, se tem em mente que

mitos políticos fazem parte dos componentes básicos de nossa percepção cotidiana da política e, por isso, tendem a permanecer inquestionáveis. Não são apenas o que percebemos sobre o mundo da política, mas também as lentes pelas quais o percebemos. Eles são os pressupostos básicos de uma sociedade e são tecidos em todos os tipos de discursos e práticas sociais¹⁹ (BOTTICI, 2007, p. 253. Tradução nossa).

Percebe-se que a construção de uma narrativa que utiliza uma vida como sua base de exemplo tem como principal objetivo gerar uma distinção entre o que é bom e o que é ruim, ofertando uma percepção de mundo que em muitos casos não é a realidade – mas que pode vir a ser recuperada, como um elemento fundamental. Assim, a hagiografia de Perfectus pode ser compreendida enquanto um elemento que tolda para o amplo e diverso contexto da Córdoba do século IX, expondo uma problemática percebida não só por Eulógio, mas por ele escrita e expandida, sob uma ótica da impossibilidade da convivência entre cristãos e muçulmanos.

Mais do que uma preocupação pela narrativa de um contexto amplo da vida de Perfectus e de outros homens e mulheres cristãos, que viveram na Córdoba muçulmana, temos 48 exemplos – em meio a uma cidade múltipla – que não aceitavam a integração. Sob o prisma da vida de Perfectus, teria sido nosso personagem o pilar e o princípio de um processo de revolta contra o Islã que, ao pensarmos na realidade de fato não se materializou.

Entendemos que, tal como Hans Blumenberg (1985, p. 67. Tradução nossa) afirmou,

ninguém irá afirmar que mito tem melhores argumentos que a ciência; ninguém irá sustentar que os mitos têm mártires, assim como os dogmas e ideologias possuem, ou que se tenha a intensidade da experiência da fala do misticismo. Ainda assim, o mito oferece algo que - mesmo com reivindicações reduzidas de confiabilidade, certeza, fé, realismo e subjetividade – representa uma satisfação por cumprir com as expectativas²⁰.

Assim, se reforça a percepção de que um mito político, envolto em uma narrativa biográfica tal qual a hagiografia, está baseado em um imaginário referente a crenças sobre determinados elementos culturais que são atacados, diminuídos ou apagados – visando uma compreensão falha referente ao outro. O mito tem a capacidade

de oferecer uma espécie de conforto com relação a interpretações e concepções sociais, oferecendo a comodidade de representarem – ao menos – uma parte da realidade, a partir do ponto de vista de quem o forma.

Com isso, se entende que o trabalho realizado por Eulógio, ao introduzir a vida de Perfectus tinha um objetivo e interesse próprio: o de realizar uma narrativa de ataque e diminuição do Islã. Entendermos o interesse do autor de tal texto com as vidas por ele retratadas permite um novo olhar para o conteúdo textual – possibilitando diferentes compreensões quanto a palavras e ações que são apontadas ao longo de uma perspectiva que põem o Islã como o grande inimigo.

Para lermos um texto hagiográfico e buscarmos o valor por trás de um mito e interesse político devemos realizar um exercício similar ao desenvolvido pela historiadora Regina Xavier, ao analisar a vida do mestre Tito (2013). Uma vez que Xavier não encontrou textos e documentos próprios de Tito, houve uma busca pela construção de sua figura, vinculada ao século XIX, no Brasil, relacionada ao seu contexto – demonstrando sua excepcionalidade. Sob tal perspectiva entendemos que a melhor forma de compreender o que de fato foi a vida e a experiência de Perfectus, bem como a dos demais mártires destacados por Eulógio, é a de buscarmos a compreensão quanto ao seu tempo, suas ligações, os interesses e impactos que suas histórias e vidas causaram.

Partindo da biografia contemporânea se tem em mente a seguinte afirmação de Benito Schmidt, ao dizer que “cabe, então, ao biógrafo, acompanhar o ‘fazer-se’ do indivíduo ao longo de sua vida, levando em conta os diferentes espaços sociais onde ele se movimentou”, bem como “suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e mesmo o acaso” (2003, p. 69). Sob essa perspectiva, entende-se que ao analisarmos uma hagiografia, para além da complexidade do personagem que está no centro da narrativa, devemos lançar um especial olhar para o autor de tais textos – uma vez que são os interesses daquele que escreve que serão retratados, a partir da exposição de uma ou mais vidas.

Perfectus foi uma ferramenta para Eulógio de Córdoba, a retratação de sua vida foi necessária para a introdução do que viriam a ser os mártires cordobeses. Nosso personagem foi inserido na narrativa como o pilar inicial de um movimento que visava uma constante oposição ao Islã, um movimento que não foi natural, não foi aceito – mas que foi legado enquanto verdadeira do ser um cristão, sendo posteriormente englobado no ser espanhol.

Perfectus teve, através de sua hagiografia, uma imagem de primeiro revoltado em um contexto de opressão. Porém, diferente do que procurava indicar Eulógio, ao olharmos para seu contexto percebemos que o interesse pelo confronto e a própria contestação realizada pelo autor de sua vida não era uma problemática ou dor diária para a população. A agressão e ataque apresentado e realizado por Eulógio é algo que acaba por ser desconstruído e diminuído a partir da própria historiográfica, como apontam autores como Jessica Coope (1995) e Brian Catlos (2018).

Ao utilizarmos o conceito de mito político para compreendermos a produção textual de Eulógio de Córdoba destacamos seu papel como um dos construtores de uma tradição escrita de oposição ao Islã, que posteriormente teria sido recuperada e ampliada. Ainda, nesse contexto se compreender na hagiografia uma forma similar e anterior a biografia que conhecemos hoje, tendo como um de seus pilares não só a apresentação de uma vida, mas “a venda” de uma verdade, de uma perspectiva. Assim, se acredita que ao utilizar de uma compreensão sobre os interesses e formas de uma escrita biográfica para se analisar a hagiografia de Perfectus torna-se perceptível como essa forma textual gera um mito biográfico, uma vez que antes da realidade busca vender uma determinada percepção de homens e mulheres, bem como de seu contexto. Ao mesmo tempo, conectada a essa noção está a perspectiva de que Perfectus tem sua história conectada a formação de um mito político, ao ser definido e apresentado enquanto o pilar, o princípio de uma luta da cristandade – ponto e evento que não podem ser associados a uma percepção de veracidade histórica.

Considerações Finais

Ao longo de nosso texto conseguiu se apontar o valor de uma biografia moderna e sua conexão não só com a singularidade de uma vida, mas com seu próprio contexto. Nesse sentido, é corroborada a percepção de Benito Schmidt que afirmou que “os estudos biográficos podem ser de grande valia para a comprovação ou para a refutação de diversas teses consagradas” (1997, p. 15). Foi a partir dessa percepção que se entendeu que o olhar lançado para as biografias de nossos dias podem colaborar com uma melhor percepção do teor e objetivos contidos nos textos hagiográficos.

Ao analisar a vida de Perfectus, escrita por Eulógio de Córdoba, se entende que antes de realizar uma narrativa referente ao personagem, é feita uma construção política, enquanto um agente inserido e desenvolvido como o elemento inicial de uma luta que deveria, ainda que não tenha sido conduzida por toda a cristandade – naquele momento.

A representação desenvolvida por Eulógio é baseada em uma alegoria biográfica, onde o que está no centro não é o personagem, mas o que esse representa para uma construção maior, as intenções por trás do uso dessa representação.

Assim, têm-se em mente que um texto hagiográfico, ainda que possua elementos biográficos em sua construção – possui um objetivo a parte: a construção de uma perspectiva, de uma noção de mundo, a expansão de um dogma. Antes de preocupar-se com a vida dos santos, a hagiografia tem como objetivo construir, expor e multiplicar uma visão de mundo – utilizando dos personagens para compor uma história, cujo objetivo é o fomento e fortalecimento do Cristianismo. Eulógio, nesse sentido, utilizou-se da vida de Perfectus para dar uma perspectiva diferenciada para o que teria sido o movimento dos mártires cordobeses, buscando e usando de figuras, que pudessem demonstrar que o Outro não deve ser aceito e combatido. É por dar base a essa representação política que, então, se considera que o discurso de Eulógio é construído a partir de mitos biográficos, ao usar da imagem e ação de personagens que – quando percebidos sob o aspecto macro – não tiveram tanto impacto quanto o autor da hagiografia procura demonstrar.

Referências

ARMSTRONG, K. *Maomé: Uma Biografia do Profeta*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

BERTONHA, J. Conde Francesco Matarazzo e o ser italiano no Brasil: o enfoque biográfico na pesquisa sobre a colonização italiana em São Paulo”. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, volume 4, número 1: 16-27, jan/jun 2000.

BLUMENBERG, H. *Work on Myth (Studies in Contemporary German Social Thought)*. Cambridge: MIT Press. 1985.

BOTTICI, C. *A Philosophy of Political Myth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CATLOS, B. *Kingdoms of Faith: A New History of Islamic Spain*. New York: Basic Books, 2018.

COOPE, J. A. *The Martyrs of Cordoba*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.

DE CERTEAU, M. *A Escrita da História; tradução Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica [de] Arno Vogel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

EL HAYEK, S. *Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (FRAMBRAS), 2020.

GIL FERNÁNDEZ, J. *Corpus scriptorum muzarabicorum*. Tomo I Tomo II. CSIC: Madrid, 1973.

LEVILLAIN, P. Os protagonistas: da biografia. In: René Rémond, (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p. 141-176, 2003.

LEONARDO, M. El Monumento del Trofeo a los Mártires, en Córdoba, 1588, Elaborado por Ambrosio de Morales. *POTESTAS: Estudios del Mundo Clásico e História del Arte*. Universitat Jaume I, Castellón, Espanha, v. 08, p. 175 - 193, 2015.

SCHMIDT, B. Biografia e regimes de historicidade. *Métis – Revista de História da Universidade de Caxias do Sul* 2, no. 3, 57-72, 2003.

SCHMIDT, B. Construindo biografias - historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos, *Estudos Históricos* 10, no. 19, p. 1-21, (1997).

TEIXEIRA, I. *A Ystoria sancti Thome de Aquino: hagiografia ou história?* In: TEIXEIRA, I; BASSI, R. *A Escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2015.

XAVIER, R. Biografia e História: o que Mestre Tito pode nos ensinar sobre o passado?. *História Social*, no. 24, p. 75-98, 2013.

¹ São Eulógio de Córdoba teria nascido em torno do ano de 819, nos arredores da cidade de Córdoba, então capital do Emirado Omíada – tendo falecido na mesma cidade, no ano de 857. Em 852, o concílio convocado pelo bispo de Sevilha, Racafredo, tinha como objetivo conter qualquer reação relativa à morte de Perfectus, primeiro dos mártires da década de 850. Após a realização do concílio, houve a prisão de uma série de religiosos exaltados, inclusive de Eulógio de Córdoba e do Bispo Saulo – um dos guias de nosso autor. Foi neste concílio que se percebeu “a desunião da Igreja cordobesa entre aqueles que criticavam os mártires, agora com apoio de parte do próprio clero, e seus defensores, desde o princípio em números reduzidos” (ROLDÁN, 2005, p. 18). Durante sua prisão, São Eulógio começou a escrever o “*Memorial Sanctorum*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 363-456) e, ao conhecer as virgens Flora e Maria, escreveu o “*Documentum Martiriale*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 459-473). São Eulógio de Córdoba foi preso novamente em 857, momento em que já teria pronto o “*Apologeticus martirium*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 475-493) por ocultar a jovem de família muçulmana Leocricia, acusada de apostasia ao negar a fé muçulmana para se converter ao islamismo. É importante frisar que apesar de se compreender o papel de Eulógio de Córdoba como uma das bases da representação do Islã que nos foi legada, ele não foi o único autor a trabalhar com a ideia de oposição perante o Islã. Os territórios Ibéricos foram um passo de interação cultural, porém em muitos momentos esse foi o caminho de construir informações referentes ao Outro, de forma a diminuí-los ou apresentá-los como um perigo para Cristandade – antes e após o processo de conquista espanhola e portuguesa se concretizarem. Como autores que também impulsionam a representação do Islã enquanto algo negativo apontamos o trabalho de Pedro, o Venerável, que no século XI deu início a uma primeira e parcial tradução do Alcorão, bem como Eulógio de Córdoba, no século XIII, ao inserir a biografia do Profeta muçulmano em sua *Legenda áurea*. Para uma leitura mais aprofundada relativa a Eulógio de Córdoba sugere-se o seguinte artigo: ROCHA, Augusto; São Eulógio de Córdoba e um dos caminhos para o Mito Político do Islã. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, p. 38-59, v. 3, nº 3, 2021.

² Os mártires de Córdoba foram 48 homens e mulheres que agrediram a lei muçulmana na cidade de Córdoba, ao longo da década de 850. Ainda que o movimento não tenha sido efetivo, ao instigar uma forte oposição por parte da cristandade ao elemento muçulmano, a posteriori ele foi recuperado como um exemplo do catolicismo espanhol – sob uma perspectiva de constante luta contra o inimigo muçulmano, formalizado ao longo do texto de Eulógio de Córdoba, a partir de uma tradição oral que já existia em seu tempo.

³ Apesar da discussão referente à ideia de “conquista” e “reconquista” ser de extrema importância, visto determinarem uma narrativa e perspectiva com relação a presença do Islã na Península Ibérica evita-se o debate longo neste trabalho. Apesar de acreditarmos que a ideia de Reconquista é uma construção

problemática, mantemos o uso do termo visando exemplificar a sucessão de eventos que levaram à expulsão, parcial, dos muçulmanos do que viria a ser a Espanha.

⁴ Salienta-se que nesse período aqueles que possuíam o domínio da escrita são os eclesiásticos ou membros de uma parcela da aristocracia, incerta em seu domínio cultural. Aqui se aponta para uma diferença entre o mundo muçulmano e o cristão, tendo em vista que no Islã havia o incentivo a um domínio dos elementos culturais, como ciência e escrita - algo que no Ocidente passou a ser estimulado apenas posteriormente. A questão do conhecimento, para o Islã, comparado ao Cristianismo, foi trabalhada no artigo *O Valor da Viagem entre a Cristandade e o Mundo Muçulmano Medieval*, publicado na revista *Ofícios de Clio*, da Universidade Federal de Pelotas (v. 5, nº 8, 2020), no qual realizo uma revisão bibliográfica através do valor da viagem para ambas às culturas religiosas, partindo de André Miatello (para o caso cristão) e de Beatriz Bissio (para o caso muçulmano), vinculando este a busca pelo conhecimento.

⁵ [...] *plenissime ecclesiasticis disciplinis imbutus et uiuaci educatione litteraria captus, necnon ex parte linguae Arabicae cognitus [...]*.

⁶ *E quibus inter ceteros summus hic propheta uester hostis antiqui praestigiis occupatus, daemoniorum figmentis illectus, maleficiorum sacrilegiis deditus, multorum paruipendentium corda letali ueneno corrumpens aeternae perdicionis laqueis mancipauit. Sic nulla spiritali prudentia principi Satanae eorum fidem accomodat, cum quo ipse asperrima inferorum luiturus tormenta uos quoque sequipedas secum arsueros inextinguibilis camini deputauit incendiis.*

⁷ A ideia relativa aos múltiplos casamentos é algo muito frequente na crítica e ataque empregado por Eulógio – porém em meio ao seu ataque parece que o autor ou desconhece ou ignora a existência de uma série de regramentos e cuidados no que se refere a prática da poligamia. Segundo o Alcorão, 4ª Surata, terceiro versículo: “Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então com uma só, ou conformai-vos com o que tendes à mão. Isso é o mais adequado, para evitar cometais injustiças (Tradução de Samir El Hayek, 2020, p. 126 - 127). Para além deste trecho, ao longo da 2ª Surata é possível definir diversas passagens que denotam direitos que as mulheres possuíam dentro de seus casamentos, ou seja, mesmo que houvesse a possibilidade da poligamia, essa era ordenada e regrada.

⁸ *‘Nam quo pacto inter profetas reputabitur aut quare non maledictione caelesti plectetur, qui Zeinab uxorem uernaculi sui Zaid specie decoris eius obscaecatus iure barbárico auferens, sicut equus et mulus in quibus non est intellectus, adulterina sibi copula nexuit seseque ex iussu angeli hoc egisse praedixit?’. Multa deinde beatus Perfectus de foeditatibus et libidinibus quae lege Mahometica praecipuntur superaddidit, et tandem finem his uerbis fecit: ‘Sic fautor immunditiae et libidinum uoluptati seruiens omnes uos perennis luxuriae impuritatibus dedicauit’.*

⁹ *Sic fautor immunditiae et libidinum uoluptati seruiens omnes uos perennis luxuriae impuritatibus dedicauit.*

¹⁰ A devoção de Perfectus a sua família, ao nosso ver, é a forma como Eulógio encontrou para expressar um modelo de caráter e de bom cristão – em contraponto com o que, para ele, seria o agressor muçulmano. Perfectus foi introduzido como alguém que “um dia andava pela cidade por necessidade familiar e ao cuidar de seus negócios privados foi interpelado pelos muçulmanos” (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.II. Corp. Scrip. Muzar.* p. 398). Para além desse momento, que introduz o conflito de Perfectus com os muçulmanos, Eulógio ainda descreveria o momento de sua prisão e acusação, “o servo de Deus fez o que lhe pediam e, após completar o seu caminho, voltou à tranquilidade da sua cela e permaneceu algum tempo seguro. Mas depois de um curto período de tempo, tendo que ir a algum lugar por ocasião de um assunto de família, ele teve que passar casualmente entre os mesmos com quem tivera o confronto” (EULÓGIO, *Memo. Sanc. II: II.III. Corp. Scrip. Muzar.* p. 399). Nesse segundo momento, novamente Perfectus é descrito como atribulado com os cuidados familiares no momento de seu reencontro com os muçulmanos que o acusaram de ofender o profeta, logo o que pode ser extraído de tal retratação é que Eulógio buscava por incutir a ideia de que nem mesmo um bom homem de família, cristão, estaria a salvo – frente a ameaça islâmica.

¹¹ *Et ita quae apes stimulatae, tota illa cohors perdicionis in eum furibunda consurens apprehensum sub omni celeritate iudici uix plantis solum tangentem offerunt atque huiusmodi de eo testimonium.*

¹² Novamente, é possível perceber o paralelo que Eulógio de Córdoba procura construir entre a figura de Cristo e a de Maomé, tendo em vista que sob sua perspectiva o segundo teria o mesmo papel para o Islã, que o primeiro teria para o Cristianismo. Porém, há de se notar que, em todas as vertentes do Islã, a figura do Profeta é percebida como a do líder religioso que recebeu a palavra de Deus e, então, a transmitiu ao povo, mas sendo - acima de tudo - apenas um homem. Esse é um fato que autores, pertencentes ao clero medieval, como Eulógio de Córdoba (no século IX) e Jacopo de Varazze (no século XIII) parecem esquecer (ou ignorar), disso concluímos que não haveria algo que não o cristianismo para a eclesia, ou

seja, antes de uma reflexão quanto a religião islâmica a uma construção de sua representação enquanto um anti-Cristianismo.

¹³ *Hunc, quem tuis reuerentissimis tribunalibus, iudex, attraximus, maledixisse prophetam nostrum eiusque cultoribus exprobrasse comperimus.*

¹⁴ *In quibus gastrimargiae crapulis et fluxu libidinis.*

¹⁵ Como é definido pelo historiador e teólogo muçulmano Samir el Hayek (1995, p. 17): “Todo ano, durante o mês de Ramadan, todos os muçulmanos jejuam desde a alvorada até o pôr do sol, abstendo-se da comida, bebida e das relações sexuais. [...] Apesar do jejum ser muito benéfico para a saúde, é considerado um método de purificação pessoal. Ao privar-se dos confortos mundanos, mesmo por um período curto, o jejuador adquire verdadeira simpatia por aqueles que sofrem fome, ao mesmo tempo desenvolve a sua vida espiritual”.

¹⁶ *Prophetan uestrum et maledixi et maledico; uirum daemoniorum, magnum, adulterum et mendacem sicuti professus sum et profiteor; profanationes sectar uestrae commenta diaboli esse denuntio. Uos quoque cum ipso duce tenebrarum aeterna luituros tormenta protestor.*

¹⁷ *Sic namque Dominus utroque miraculo militem suum glorificans magnae spei solaciis fidelium uota corroborat impiorumque sacrilegam uanitatem stupore uehementi exturbat. [...] Consummauit autem uir Dei cursum agonis sui in pace quarto decimo kalendas Maias, die sexta feria, aera qua supra adnotatum est.*

¹⁸ *The basic performance of myth is to provide names. A myth is always “the myth of . . .” It is only by giving a thing a name that it can become “graspable” and therefore the object of a story. Providing names does not just render stories possible; naming the unknown is already a way of dominating the unknown. Denominating a thing is the first – if not the most interesting – answer to the question “what is this or that?” Moreover, by giving a name to the unknown, whole webs of other meanings are recalled.*

¹⁹ *Political myths are part of the basic components of our everyday perception of politics and for this reason they tend to remain unquestioned. They are not only what we perceive about the world of politics, but also the lens through which we perceive it. They are the basic assumptions of a society and they are woven throughout all sorts of social discourses and practices.*

²⁰ *No one will want to maintain that myth has better arguments than Science; no one will want to maintain that myth has martyrs, as dogma and ideology do, or that it has the intensity of experience of which mysticism speaks. Nevertheless it has something to offer that – even with reduced claims to reliability, certainty, faith, realism, and intersubjectivity – still constitutes satisfaction of intelligent expectations.*

Artigo recebido em 29 de maio de 2021.
Aceito para publicação em 19 de agosto de 2021.